

VEJMELKA, Marcel: *Kreuzwege: Querungen – João Guimarães Rosas 'Grande sertão: veredas' und Thomas Manns 'Doktor Faustus' im interkulturellen Vergleich*. Berlin: Edition Tranvía, 2005. 484 p.

O que se poderia esperar de um estudo comparado que tivesse como objeto as obras *Doutor Fausto* (1947), de Thomas Mann – traduzida para o português por Herbert Caro (1984) – e *Grande sertão: veredas* (1956), de João Guimarães Rosa – traduzida para o alemão por Curt Meyer-Clason (1964)? Um trabalho de leitura rigorosa das obras em suas línguas originais? Uma pesquisa cuidadosa da recepção das obras em seus países de origem? Uma contextualização dessa recepção no universo da crítica e da teoria literária das culturas de partida? Um trabalho de leitura crítica das traduções dessas obras para o português e para o alemão, respectivamente? Uma pesquisa ampla, seguida de considerações críticas a respeito da recepção de cada uma dessas obras nas duas culturas estrangeiras? Uma contextualização dessa recepção no universo da crítica e da teoria literária das culturas de chegada? Um estudo de recepção comparada das duas obras, seguido de uma reflexão metateórica, que confronta “tradições” críticas e teóricas do Brasil e da Alemanha, a exemplo de suas manifestações na discussão das obras em questão? Para quem esses aspectos poderiam compor uma resposta pertinente àquela pergunta, a obra de Marcel Vejmelka é surpreendente, na medida em que consegue atender consistentemente a todas essas expectativas.

Uma primeira tentativa de aproximação dessas duas obras talvez trouxesse à luz mais as suas diferenças do que os seus pontos em comum. A começar pelas questões de fundo histórico e cultural que as obras circunscrevem – e nas quais elas se inscrevem –, posto que diferem bastante, na medida mesmo das várias dimensões da diferença entre Brasil e Alemanha. Assim como também são distintos, por exemplo, os meios e caminhos que dão corpo à expressão literária em cada uma das obras.

No entanto, também se revelam, logo de partida, alguns pontos de aproximação que poderiam estimular a construção de um diálogo profícuo. As obras de Thomas Mann e de João Guimarães Rosa conquistaram uma importância excepcional no contexto da literatura do século XX, tanto nos limites de suas culturas de origem quanto no âmbito da chamada *literatura universal*. A despeito das diferenças históricas e culturais entre Brasil e Alemanha, as duas obras têm em comum o fato de se ocuparem de questões específicas da história e da cultura de seus países, a ponto de constituírem referenciais importantes para a discussão da questão da identidade – nos

termos, por exemplo, da problematização de uma noção de *brasilidade* e de *alemanidade* (*Deutschtum*). Nesse contexto, entrelaçam-se também os eixos de uma cultura sertaneja, marginalizada diante de um projeto de modernização do Brasil, e os imbricamentos históricos do pensamento alemão com os terrores do nacional-socialismo. Os pactos diabólicos do jagunço Riobaldo e do compositor Adrian Leverkühn representam alegorias da História nas encruzilhadas culturais de seus países de origem: os destinos do nacional e do individual se entrecruzam na figura da travessia.

Além disso, apesar de optarem por caminhos muito distintos no que diz respeito ao modo como resolvem suas estratégias formais, em ambas as obras a preocupação com a forma de expressão, com a relação entre o modo de narrar e a narrativa, é uma questão central, razão pela qual ambos os autores logram empreender um trabalho intenso e singular com a linguagem.

“Pensar em conjunto o que aparentemente não pode, mas tem de ser pensado em conjunto”: eis o modo como Marcel Vejmelka equaciona o grande desafio enfrentado na sua obra *Encruzilhadas: Travessias* – “Grande sertão: veredas” de João Guimarães Rosa e “Doutor Fausto” de Thomas Mann, uma comparação intercultural. Num gesto crítico que investe nos contrastes e conflitos, o autor propõe-se a pensar as diferenças de modo integrado, mostrando que pode ser bastante produtivo discutir pontos em comum mesmo quando estes são flagrados como traços constitutivos dos pontos mais notórios de distanciamento: discutir o que nos parece estranho no âmbito do que entendemos como próprio, e o que nos é próprio no âmbito do que nos parece estranho. Não se trata, portanto, de investigar apenas as analogias e correspondências mais ou menos evidentes entre as duas obras, mas sim de tornar produtiva a reflexão sobre suas diferenças fundamentais, promovendo, assim, uma espécie de aproximação às avessas.

A trajetória de comparação intercultural parte de aspectos biográficos dos dois escritores, passando logo para um esboço do modo como suas imagens se fazem presentes tanto no Brasil quanto na Alemanha. Nesses termos, Vejmelka reconstrói um cenário, de mão-dupla, da recepção crítica das duas obras, apontando, de modo exemplar, para campos de sintonia e dessintonia da(s) crítica(s).

Em seguida, Vejmelka analisa as traduções dos dois romances para o alemão e para o português, bem como a recepção dessas traduções nos respectivos países. Segundo o autor – caminhando na direção oposta de uma crítica literária que raramente reserva um lugar central para a discussão da tradução –, é imprescindível para os estudos literários, sobretudo para os estudos comparados, levar em consideração a função de mediação desempenhada pela tradução. Para o autor, sem as traduções,

a presença de expressões culturais estrangeiras no seio da própria cultura não seria possível. (...) A tradução de obras literárias é a pedra fundamental e a condição básica para a sua presença material além das fronteiras nacionais e lingüísticas (p. 9).

Nesse sentido, em Encruzilhadas: Travessias, a discussão das traduções não diz respeito apenas a questões lingüísticas e culturais, mas também a questões de ordem crítica e estética. Para Vejmelka, as traduções literárias devem ser analisadas não apenas à luz das dificuldades, mas também das possibilidades de compreensão, como materialização do encontro entre duas línguas, duas culturas e dois sistemas literários. Para o autor, uma análise das traduções – que transcenda a mera discussão do fracasso ou sucesso das soluções encontradas – pode subsidiar a discussão das obras literárias, assim como uma comparação das duas obras também pode contribuir para se repensarem as próprias traduções e os limites e possibilidades da tradução como prática de relação do próprio com o estrangeiro.

Vejmelka parte do princípio de que, juntos, tradutores, críticos e teóricos da literatura são agentes que abrem caminhos para a recepção da obra estrangeira. A comparação desses caminhos em países diferentes pode lançar uma luz sobre os processos interculturais em sua dimensão histórica, ampliando uma perspectiva freqüentemente unilateral da crítica. E isso não diz respeito apenas aos estudos voltados para as obras em questão, mas também à própria teoria e à crítica literária. Como afirma o autor, não são apenas as obras literárias que têm especificidades culturais, mas também a teoria e a crítica literária de cada país. Num estudo como o que Vejmelka propõe, tais especificidades alcançam uma dimensão ainda maior, uma vez que as tradições críticas de cada país permeiam a leitura e a recepção crítica da literatura tanto nacional quanto estrangeira. Essa posição dá uma dimensão da produtividade e da complexidade de uma abordagem metateórica, crítico-cultural e comparada como a proposta por Vejmelka, a partir da qual o autor formula um dos objetivos centrais do seu trabalho: “não apenas comparar duas obras literárias, mas promover também um diálogo entre as respectivas tradições teóricas e críticas” (p. 11).

*Marcel Vejmelka – que é também o tradutor da primeira antologia de textos críticos de Antonio Candido publicada em língua alemã, organizada por Ligia Chiappini (*Literatur und Gesellschaft* [Literatura e sociedade]. Frankfurt: Vervuert, 2005) – enfrenta o desafio estético e ético da literatura como leitor, tradutor e crítico, abrindo caminhos para um espaço de reflexão e para uma visada que se desdobra e se revela nos vincos mais íntimos da crítica e da teoria literária, dos estudos da tradução e de recepção. Le-*

vando às últimas conseqüências as figuras da encruzilhada, como lugar das decisões, e da travessia, como passagem, oferece-nos um exercício crítico que nos desafia a olhar para além dos pactos que nos inscrevem em nossos próprios universos de referência.

*Maurício Mendonça Cardozo
Universidade Federal do Paraná*